



A faxineira Ana Maria da Silva, 36 anos, espera realizar um sonho depois de aprender a escrever nas aulas que frequenta no Sine da Asa Norte: voltar a ser cozinheira em restaurante. “Uma vez fui demitida porque não sabia ler”, conta

LEITURA DE UMA NOVA VIDA

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Na última quinta-feira, dia 5, a capixaba Luiza Corrêa dos Santos realizou o sonho de sua vida. Acordou cedo e esperou a noite cair. Tinha que ser desta vez. Vestiu saia e blusa branca, calçou um chinelo de couro e se embrenhou pelas ruas esburacadas e mal iluminadas de Ceilândia, rumo à missão desejada.

Querida ter a certeza de que conseguiria seu desejo: levar a filha Maria das Graças Alves dos Santos para se matricular no curso de alfabetização na Casa de Justiça e Cidadania de Ceilândia. “Peleei tanto para que que ela fosse à escola, moço!”, contou. Conseguiu. A filha Maria das Graças, de 48 anos, finalmente, ia aprender a ler e escrever. “Dest vez ela vai até o fim”, prometeu a decidida mãe de 72 anos que, ao contrário da filha, sabe ler um pouco. “Eu tenho vergonha de aprender a ler com essa idade”, dizia, baixinho, a filha à mãe. “Vergonha de quê? Nunca é tarde para aprender”, retrucou, categórica, a mãe. Luiza saiu de lá com a inscrição da filha na mão. E assegurou: “Amanhã (sexta-feira) ela vai estar aqui às 19h, sem perder uma aula.” Extasiada com a possibilidade de não perguntar nas ruas qual o ônibus que deveria tomar e “não passar mais vergonha e sentir preconceito das pessoas”, Maria das Graças incumbiu-se também de uma missão: levar o marido João Soares Filho, de 35 anos, às aulas. “Ele é inteligente e vai aprender rápido”, previu, entusiasmada.

PROGRAMA
Maria das Graças e o marido fazem parte de um contingente de adultos e jovens que serão — e alguns já foram — alfabetizados no Distrito Federal nos próximos anos. Os números não são precisos, mas

dados do Tribunal Regional Eleitoral indicam que existiam em 1990 cerca de 150 mil eleitores jovens e adultos analfabetos em todo o DF. A Secretaria de Educação, entretanto, estima que esse número hoje pode chegar a 180 mil. Para uma população de 1,8 milhão de habitantes, isso significa que 10% da população do DF são analfabetos.

O grave quadro parece ter sensibilizado o governo do professor Cristovam Buarque. Desde o ano passado o GDF desenvolve projetos no combate ao analfabetismo. Segundo dados da Secretaria de Educação, de julho a janeiro deste ano, dentro das unidades de ensino da rede pública, 10 mil adultos aprenderam a ler e escrever. Mas ainda tem muito a fazer.

Em maio do ano passado, num fórum de alfabetização proposto pela Secretaria de Educação, nasceu a idéia da parceria com a sociedade civil organizada para erradicar o analfabetismo.

No dia 22 de agosto deste ano, o programa Pró-Alfa — que traz o slogan *Brasília onde todos podem ler* — foi lançado oficialmente. O projeto é coordenado pela Secretaria de Educação e supervisionado pela Fundação Educacional.

Assumindo a limitação, o governo foi pragmático. Elaborou o programa em convênio com empresas, organizações não-governamentais (ONGs), igrejas, sindicatos, UnB e Faculdade Católica. Se não houver pedras no caminho, o projeto tem boas chances de sucesso.

FÓRUM
Uma das características do projeto é a participação de voluntários que desejam aderir à campanha. Qualquer pessoa, depois de passar por um treinamento, estará capacitada para alfabetizar adultos até mesmo em sua própria casa.

“Nosso objetivo é de que, até o final do ano, pelo menos 25 mil pessoas tenham sido alfabetizadas”, calcula Eneida Maria Peixoto de Azevedo, coordenadora da Unidade de Educação e Jovens e Adultos da Fundação Educacional.

Os cursos têm duração de seis meses. A metodologia aplicada é do educador Paulo Freire e consiste no respeito à experiência e à vivência que o aluno já traz consigo. “Erradicar o analfabetismo é criar no ser humano

o exercício da cidadania. Ele se torna o sujeito de suas próprias ações”, filosofa a coordenadora. “É gratificante ouvir de pessoas que foram alfabetizadas frases do tipo: — agora eu posso ler a Bíblia, sei pegar ônibus sem perguntar”, constata.

SONHO
Alheia a conceitos sociológicos, a passadeira Elba Rosa Caetano só tem um objetivo na vida: aprender a ler e escrever para mudar de profissão. Ela é uma das 96 pessoas inscritas no Serviço Nacional do Emprego (Sine) que começaram o curso de alfabetização.

O curso é uma parceria entre Secretaria do Trabalho e Serviço Social da Indústria (Sesi). A aprendizagem se dá de acordo com a realidade do aluno trabalhador, por meio da familiarização com as letras e palavras do seu vocabulário do dia-a-dia. As aulas acontecem na sede do Sine, de segunda a sexta-feira, das 19h às 21h, e terminam em dezembro.

Mineira de 56 anos, moradora do Parque da Barragem, Elba pensa no

futuro. “Quando eu aprender a ler, vou ser salgadeira de algum restaurante”, planeja. “Não dá para entender ou copiar as receitas sem conhecer as letras”, observa.

Há alguns anos, a faxineira Ana Maria da Silva, de 39 anos, decorou o nome do ônibus que pega para chegar à sua casa em Lago Azul (GO). Trabalha o dia inteiro em casa de família na Asa Norte e à noite vai assistir às aulas no Sine. “Ontem (quinta-feira) eu nem dormi direito, pensando nos estudos”, conta.

O sonho de Ana Maria é voltar a ser cozinheira. “Trabalhei muitos anos num restaurante árabe e um belo dia fui despedida porque não sabia ler”, conta. Canhota, ela pega o lápis e tenta copiar o danado do *a* que a professora ensina. “Nossa, como esse *a* é difícil de fazer, mas eu vou aprender”, aposta.

A professora Márcia Aparecida Gonzaga garante que, até dezembro, todas as alunas vão estar lendo e escrevendo. “Elas são interessadas e têm muita força de vontade”, elogia.



Maria de Souza: pressa para não usar mais o polegar como identificação

AJUDA DO FILHO

“Boa tarde, meninos!”, diz a professora Rosângela Cardoso Silva, 38 anos, ao entrar na pequena sala de aula. Ela não está em nenhuma escola primária. São os alunos funcionários da Companhia Urbanizadora na Nova Capital (Nocacap). Em coro, eles respondem: “Boa tarde, professora.”

Lápis e caderno na mão, é hora do bê-a-bá. Serventes, mecânicos, pedreiros, carpinteiros, motoristas. São esses os alunos da professora Rosângela. “Trabalhei sete anos com crianças, mas é indescritível ensinar adultos a ler e escrever. É como se tivéssemos lapidando pedra bruta. O resultado é compensador”, confessa a professora, que alfabetizou, do ano passado para cá, mais de 20 funcionários.

O programa desenvolvido na empresa faz parte de um convênio com a Fundação Educacional, a que cabe a parte pedagógica. As professoras são da própria Nocacap, que se dividem em sete tur-

PRIMEIRAS LIÇÕES

“Nossa, como esse *a* é difícil de fazer, mas eu vou aprender”

Ana Maria da Silva,
39 anos, faxineira

“Com fé em Deus, até dezembro vou estar lendo tudinho”

Maria Ferreira de Souza,
58 anos, comerciante

mas num total de 120 alunos.

Sentada numa das carteiras, a auxiliar de limpeza Neli Araújo Souza, 50 anos, é uma das alunas mais assíduas. Há um ano ela frequenta as aulas. “Olha, eu fazia um *azinho* que mais parecia mais um sapo”, conta, sorrindo. “Agora, tá bem bonitinho.” O filho de Neli, de 14 anos, faz a 5ª série e ajuda a mãe nas lições. “Ele brinca comigo dizendo que eu vou passar dele”, diz. Feliz com os novos conhecimentos adquiridos, a auxiliar de limpeza tem motivos para comemorar: “Pego ônibus sozinha e faço minhas continhas.”

POLEGAR DIREITO
Na Casa da Justiça e Cidadania em Ceilândia, a largada contra o analfabetismo foi dada em agosto. Juntos, comunidade e promotores de Justiça do Fórum de Ceilândia ergueram as mangas e batalharam pela sede própria. No último dia 28, inauguraram a sede, na QNN 5/7, e o primeiro passo foi formar turmas de alfabetização. Quarenta alunos, arrebanhados de porta em porta pelos professores voluntários, já assistem às aulas no período noturno.

“Nossa proposta de educação é um pouco diferenciada. O alfabetizado terá noções de direito humanos mínimos, como saúde e moradia”, explica o promotor Francisco Leite, presidente da Casa da Justiça e Cidadania.

Por enquanto, a cearense Maria Ferreira de Souza não está muito interessada em aprender noções de direitos básicos. Tem pressa. Muita pressa. Não vê a hora de trocar a carteira de identidade — onde consta a impressão digital do polegar direito — para assinar seu nome.

“Fui criada na roça, trabalhando com enxada para sobreviver”, conta Maria. Casada, 58 anos, sete filhos, ela planeja levar o marido às aulas. “Ele não teve estudo”, conta. “Com fé em Deus, até dezembro vou estar lendo tudinho”, garante.

SERVIÇO

Para aprender a ler e escrever, procure a Casa de Justiça e Cidadania na QNN 5/7 área especial em Ceilândia. Ainda há vagas para novas turmas. A instituição não tem telefone. Para ser um voluntário, ligue para a Unidade de Educação de Jovens e Adultos (Ueja), na Fundação Educacional. Telefone: 348 5138.